

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MARILZA MADEIRA

**“EU TE VOU DIZÊ” COMO É A COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS NO PORTUGUÊS
URUGUAIO**

**Jaguarão
2018**

MARILZA MADEIRA

**“EU TE VOU DIZÊ” COMO É A COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS NO PORTUGUÊS
URUGUAIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras Português, Espanhol e Respektivas Literaturas.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Leonor Simioni

**Jaguarão
2018**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

M178" Madeira, Marilza
"Eu te vou dizê" como é a subida dos clíticos no português uruguaio / Marilza Madeira.
30 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS - HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/ESPAÑOL E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2018.

"Orientação: Leonor Simioni".

1. português uruguaio. 2. colocação pronominal. 3. subida de clíticos. I. Título.

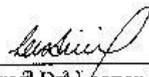
MARILZA MADEIRA

**“EU TE VOU DIZÊ” COMO É A SUBIDA DOS CLÍTICOS NO PORTUGUÊS
URUGUAIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão, como requisito parcial para obtenção do Título de licenciada em Letras Português, Espanhol e Respectivas Literaturas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 05 de dezembro de 2018.

Banca examinadora:



Profª Drª Leonor Simioni
Orientadora
(UNIPAMPA)



Profª. Drª Giane Rodrigues dos Santos
(UNIPAMPA)



Profª Drª. Aline Neuschrank
(UNIPAMPA)

AGRADECIMENTO

Agradeço à professora Leonor toda paciência e incentivo para que eu pudesse chegar até aqui. Houve muitos momentos gratificantes durante a graduação, mas nenhum com tanto stress e prazer como a elaboração deste trabalho de conclusão de curso. Foi demorado, muitas vezes deixado de lado, mas a persistência e a vontade de terminar esse curso me impulsionaram a continuar.

Agradeço também a todos que acharam que eu não conseguiria. Com certeza foram as tentativas de menosprezar as minhas decisões em seguir em frente que me fizeram mais forte e confiante.

Agradeço muito mais aqueles: “tu não vai terminar”, “tu não vai conseguir”, que com certeza, não tinham a intenção de me colocar para baixo e sim o uso da psicologia inversa para eu não desistir.

Não posso deixar de agradecer todas as amizades que fiz durante o tempo que estudei nesta instituição. Com certeza há amizades que vou levar para o resto da vida. Até aqueles que não foram tão amigos, foram importantes nos momentos em que tivemos que trabalhar juntos ou debater sobre os conteúdos.

Para agradecer aos professores com certeza faltariam palavras. A maioria não foram somente professores, foram amigos, incentivadores, inspiradores e principalmente, uns amores.

Agradeço de coração tudo que vivi e aprendi aqui!

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar uma mostra de dados de Poblado Uruguai, uma comunidade rural da cidade de Rio Branco no Uruguai. Nesta comunidade, as pessoas tem o português como língua materna. Mas pelo contato contínuo com o espanhol ou por não ter contato direto com comunidades brasileiras, esta língua possui características diferentes do português brasileiro. Analisaremos a subida de clíticos com grupos verbais, que é a colocação do clítico junto ao verbo auxiliar e não junto ao verbo que o seleciona como por exemplo: “Pero todo mundo **me** vem saludá porque me conhecem”. O clítico *me* é objeto do verbo *saludá*, mas está ligado ao verbo *vem*. Faremos isso no português europeu, no português brasileiro e no espanhol para comparar com o português uruguaio e ver de que língua este se aproxima mais. No português europeu a colocação é enclítica ao verbo auxiliar com particípio e gerúndio e variável com verbo no infinitivo, isto é, enclítica ao verbo auxiliar ou próclítica ao verbo no infinitivo. No espanhol, a colocação é em próclise ao verbo auxiliar com o particípio e variável com verbos no infinitivo e gerúndio, isto é, em próclise ao verbo auxiliar ou enclítica ao verbo no infinitivo ou gerúndio. No português brasileiro a colocação é sempre em próclise ao verbo que o seleciona com exceção dos verbos perceptivos e causativos. No português uruguaio a subida de clíticos ocorre sempre com perífrases verbais e a colocação dos clíticos é sempre em próclise ao verbo auxiliar. Concluímos que o português uruguaio possui características próprias que o diferem das outras línguas com que foi comparado: nas formas simples os clíticos antecedem verbos conjugados e gerúndio, ênclise categórica com imperativo e variável com infinitivo; nas sequências verbais os clíticos sempre antecedem o verbo auxiliar tanto com particípio como com infinitivo.

Palavras-Chave: português uruguaio; colocação pronominal; subida de clítico.

RESUMEN

Este trabajo de conclusión de curso tiene por objetivo investigar una muestra de datos de Poblado Uruguay, una comunidad rural de la ciudad de Rio Branco en Uruguay. En esta comunidad, las personas tienen el portugués como lengua materna. Pero por el contacto continuo con el español o por no tener contacto directo con comunidades brasileñas, esta lengua posee características distintas del portugués hablado en Brasil. Investigaremos la subida de clíticos con grupos verbales, que es la colocación del pronombre clítico junto al verbo auxiliar y no junto al verbo que lo selecciona como en el ejemplo: “Pero todo mundo **me** vem saludá porque me conhecem”. El clítico *me* es objeto del verbo *saludá*, pero está junto al verbo *vem*. Haremos esto en el portugués europeo, en el portugués brasileño y en español para comparar con el portugués uruguayo y ver de cual lengua se acerca más. En portugués europeo la colocación es enclítica al verbo auxiliar con participio pasado o gerundio y variable con el verbo en infinitivo, es decir, enclítica al verbo auxiliar o proclítica al verbo en infinitivo. En español, la colocación es en proclisis al verbo auxiliar con participio pasado y variable con verbos en infinitivo o gerundio, es decir que, en proclisis al verbo auxiliar o enclítica al verbo infinitivo o gerundio. En portugués de Brasil la colocación es siempre en proclisis al verbo que lo selecciona con excepción de los verbos perceptivos y causativos. En portugués uruguayo la subida de clíticos ocurre siempre con perífrasis verbales y la colocación de los clíticos es siempre en proclisis al verbo auxiliar. Concluimos que el portugués uruguayo posee características propias que lo distinguen de las otras lenguas con las que fue comparado: en las construcciones simples los clíticos anteceden los verbos conjugados y gerundio, enclisis categórica con imperativo e variable con infinitivo; en las secuencias verbales los clíticos siempre anteceden el verbo auxiliar tanto con participio como con infinitivo.

Palabras-clave: Portugués uruguayo; colocación pronominal; subida de clíticos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Síntese de informantes.....	12
Figura 1 – Demarcações das fronteiras Brasil/Uruguai	15

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 CARACTERIZAÇÃO DO PORTUGUÊS URUGUAIO	12
1.1 Breve história do português no Uruguai	12
1.2 Colocação dos clíticos no português uruguaio.....	17
2 ESTATUTOS DA SUBIDA DE CLÍTICOS.....	20
2.1 Colocação pronominal com formas verbais Simples	21
2.2 Colocação pronominal com sequências verbais	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS.....	29

INTRODUÇÃO

A fronteira política separa dois países: Brasil e Uruguai. Cada um com sua língua, seus costumes e sua cultura. Para as pessoas que habitam a região de fronteira entre os dois não é bem assim. Há uma herança de conflitos e demarcações que ora dividiam as colônias em um determinado ponto ora em outro, fazendo com que os colonos ora estivessem dentro dos limites portugueses, ora dentro dos limites espanhóis.

A fronteira linguística não é demarcada como a fronteira política. Muitos colonos portugueses seguiram vivendo, criando seus filhos e preservando sua cultura e língua mesmo dentro do Uruguai.

Quando da independência do Uruguai, estabeleceu-se por uma lei a gratuidade e obrigatoriedade do ensino para que as crianças aprendessem a cultura e a língua espanhola com a finalidade de barrar o português, que ainda era falado no interior, relegando o português a um status de dialeto sem prestígio, falado por pessoas sem instrução.

Com tudo isso, se esperava que o português não fosse mais falado dentro do Uruguai. Bem, vários pesquisadores como: Rona (1965), Elizaincín, Behares e Barrios (1987), investigaram a presença de dialetos portugueses no interior do Uruguai e constataram que embora no setor público o espanhol fosse a língua vigente, nas comunidades rurais entre amigos e familiares o português ainda era amplamente utilizado.

Sendo uma região de fronteira e de contato entre os dois países se espera a presença dos dois idiomas, mas em Poblado Uruguay, um povoado do interior do município de Rio Branco, que faz fronteira com Jaguarão no Brasil, a língua materna falada em casa e entre vizinhos era exclusivamente o português, que os moradores chamam de "brasileiro" por reconhecerem que é a língua falada no Brasil. O espanhol só era falado após as crianças irem para a escola. Isso pode ser percebido nos diálogos transcritos abaixo, retirados de entrevistas realizadas com informantes oriundos do local:

- (1) D: Ah, é. É uma pergunta que eu ia fazer: a senhora é costumava a falar com a sua mãe e com seus irmãos em brasileiro?
 I: Sempre brasileiro.
 D: Sempre brasileiro. E aí se alguém falava em uruguaio, a senhora?
 I: Eu falava em uruguaio.
 D: Também falava em uruguaio.
 I: **Depois que fiquei adulta.**
 D: Claro, depois que ficou adulta. De criança era brasileiro.

I: Sí, era brasileiro. (L.)¹

(2) P: E a senhora na casa de vocês vocês falavam português?

I: Sim, **falamos tudo brasileiro**. A mãe... pa minha mãe eu dizia "mãe", po meu pai chamava por o nome. Romeu. Chamava por o... nunca disse "papai".

P: Mas assim, no dia a dia vocês conversavam em português?

I: Tudo em português. **Eu vim falar em uruguaio depois que me vim aqui**. Vai... faz quarenta e dois ano que vim pa cá pa Rio Branco, aí eu empecei falar em uru... *empezé a hablar en uruguayo*.

[...]

D: E com os vizinhos lá vocês falavam português também? Ou era só a família de vocês?

I: Não, tudo, tudo. **Quase tudo lá no Poblado falava brasileiro**. (F.)

Como veremos, a existência do português no território uruguaio é reconhecida há várias décadas, mas há poucos trabalhos que se dedicam a descrever a gramática dessa variedade. Para esta pesquisa, analisaremos os dados do corpus do projeto *Rumo a uma gramática do português uruguaio*, desenvolvido na Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão, com informantes oriundos de Poblado Uruguay no ano de 2016. O quadro a seguir sintetiza os dados que compõem o corpus atualmente:

Quadro 1 – Síntese dos informantes

INFORMANTE	IDADE	ESCOLARIDADE
L.	83 anos	1º ano incompleto
I.	75 anos	5º ano
F.	71 anos	3º ano
A.	37 anos	6º ano

As entrevistas que compõem o corpus foram obtidas por meio de diálogo entre documentador, informante e um mediador que conhecia as pessoas envolvidas. Como as entrevistas eram semiestruturadas, permitiram que os informantes falassem livremente sobre as lembranças de sua infância, a criação no campo, como era constituída a família, suas recordações do tempo de escola, a vida entre os dois países. Também responderam perguntas

¹ Ao final dos exemplo tem a Inicial de cada informante entre parentes para que o leitor o identifique no quadro Síntese dos informantes.

sobre a língua falada na comunidade e entre seus familiares, de modo a verificar se todos tinham o português como língua materna. A parte final das gravações foi realizada em espanhol, com a intenção de gerar uma amostra comparativa.

Os entrevistados são na maioria pessoas de baixa escolaridade. Apenas a mais jovem cursou o primeiro ano do secundário, mas só depois de adulta. Os outros cursaram somente até o quinto ano no máximo. Uma ficou poucos meses na escola. Segundo eles mesmos, naquele tempo não era obrigado a frequentar a escola. Iam se queriam:

(3) D: O que a senhora lembra assim dessa experiência de ir pra escola?

I: O que eu me lembro?

D: Arram. Alguma... alguma lembrança.

I: Ah eu que eu me lembro é que quando fazíamos, havia um dia que era de matemática e eu não gostava. Sempre fui burra pras matemática. E não ia escola. É... naquele tempo não obrigavam muito í a escola, não. Iam se queriam e se entrava era com oito anos que se ia a escola, naquele tempo não era como agora. (I.)

(4) D: E até que ano que a senhora estudou?

I: Eu fiz primero ano só.

D: Primeiro ano.

I: Tive três mese de classe. E aprendí a lê, iscrevé, saco conta, igual de cabeça saco mió, e tudo assim. Que antes com três mese de escola não sabiam nem a letra “o”. (L.)

As pessoas entrevistadas moram em Rio Branco (Uruguai), onde falam espanhol com os moradores de lá e falam português quando atravessam a ponte e vêm para o Brasil fazer compras ou visitar amigos e parentes que residem aqui.

O português uruguaio possui uma gramática diferente da do português no Brasil. Com isso ocorrem umas construções que nos soam peculiares, como a subida de clíticos, caracterizada pelo fato do pronome vir junto a um verbo que não o seleciona, como em: “Pero todo mundo me vem saludá porque me conhecem”. O clítico *me* é objeto do verbo *saludá*, mas está ligado ao verbo *vem*.

Neste trabalho faremos uma análise dos dados encontrados em Poblado Uruguay. Analisaremos a posição dos clíticos em grupos verbais e faremos uma comparação com as formas usadas em português brasileiro, português europeu e espanhol, com o objetivo de descobrir de qual gramática mais se aproximam. Além disso, outro objetivo do nosso trabalho é registrar a gramática do português uruguaio, pois se trata de uma língua minoritária que carece de descrição.

1 CARACTERIZAÇÃO DO PORTUGUÊS URUGUAIO

1.1 Breve história do português no Uruguai

A fronteira entre Rio Grande do Sul e Uruguai foi alvo de disputas durante vários séculos. Tudo começou com a vinda dos portugueses e dos espanhóis para a América do Sul no século XVI. Em especial, a região entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai foi trocando de mãos por ocasiões dos acordos entre Espanha e Portugal, que geraram várias demarcações para os limites entre Uruguai e o sul do Brasil. Com isso os colonos em um determinado momento estavam no Brasil, em outro estavam no Uruguai.

Como nos conta Behares (2007), com o Tratado de Tordesilhas, firmado na Europa, no ano 1494, todo o Rio Grande do Sul pertencia à colônia espanhola, mas a colônia portuguesa não aceitava esse tratado e queria que a possessão portuguesa avançasse seus limites. Sendo assim, os portugueses resolveram fundar a Colônia do Sacramento para se estabelecer por lá e povoar aquela área com lusitanos, principalmente em função de ser um ponto estratégico economicamente. Os espanhóis não se agradaram e atacaram o povoado para expulsar os portugueses de lá. Por muitos anos, as coroas portuguesa e espanhola lutaram pela possessão desse povoado.

Somente após esses desacordos sobre o domínio da Colônia do Sacramento que as coroas portuguesa e espanhola delimitaram mais formalmente suas fronteiras. Portugal aceitou trocar Colônia do Sacramento, que pertenceria ao Uruguai, pela região das Missões, que fazia parte do Brasil, tornando as fronteiras mais parecidas com o que conhecemos hoje. Mas essa peleia ainda duraria até o final do século XVIII.

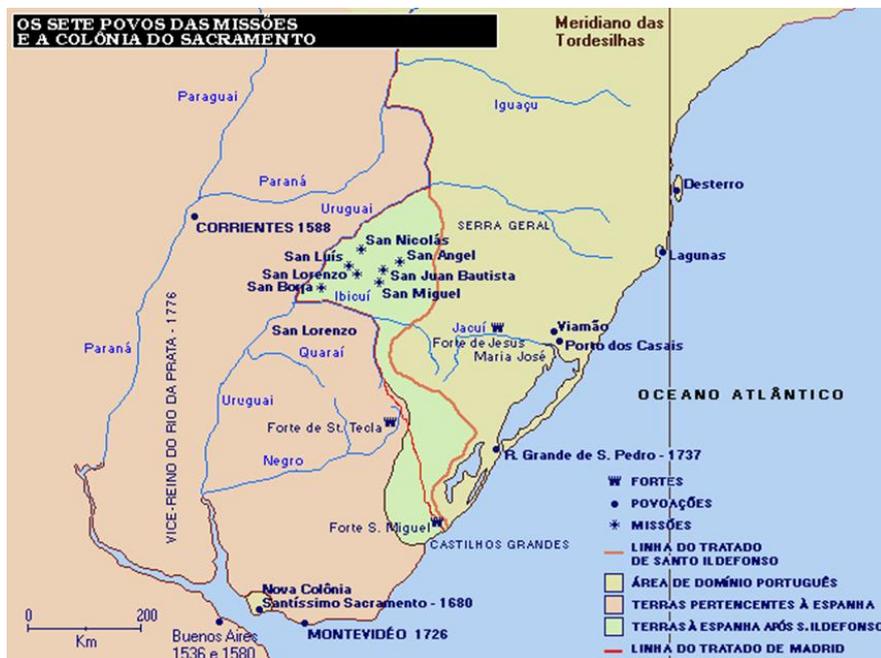
Para os habitantes dessa região, esse desacordo entre as coroas era satisfatório, pois viviam do comércio legal e ilegal de gado *cimarrón*, gado selvagem que habitava o pampa. Os animais eram caçados e vendidos para charqueadas e depois comercializados em toda essa região e mais ao centro do país, onde ficava a sede do governo.

A maioria desses habitantes eram colonos portugueses que se estabeleceram nesse território, destacamentos militares que protegiam as sedes, e índios convertidos pelos jesuítas. Mesmo com os limites estabelecidos entre os dois países, muitos portugueses e brasileiros continuaram habitando o Uruguai por já terem se fixado por lá. Este fato nos proporcionou o fenômeno que investigamos hoje, que é a presença de dialetos com características portuguesas na fala de uruguaios.

No séc. XIX, após a independência do país, o governo do Uruguai tenta proteger suas fronteiras criando povoados e cidades na divisa com o Brasil, enquanto que do lado brasileiro acontecia o mesmo. No entanto, no interior do Uruguai, os brasileiros que lá viviam seguiam com suas posses, como mostra o censo de 1860: de duzentos mil habitantes, quarenta mil eram brasileiros que viviam no noroeste e possuíam grandes extensões de terras onde criavam gado para as charqueadas e comércio, tanto com uruguaios como com brasileiros.

O mapa abaixo ilustra esses diversos acordos e tratados entre as colônias espanhola e portuguesa, com as demarcações que foram mudando ao longo do tempo.

Figura 1 – Demarcações das fronteiras Brasil/Uruguai



FONTE: (MISSÕES, 2013)

Relatado por Behares (2007), como forma de minimizar a influência brasileira, em 1877, é implantada a lei de “Reglamento de Instrucción Pública” no governo de Latorre com base na “Ley de Educación Común” de José P. Varela que visava à imposição da língua espanhola e sua cultura em todo o território uruguaio em defesa de um ideal de nacionalidade. Essa lei, implantada nas escolas primárias para que as crianças aprendessem a falar e escrever o espanhol, foi uma forma de fazer com que o idioma português fosse extinto no lado uruguaio.

Esto que oí decir a los maestros y que oí decir a los padres y repito que aquí lo oí también en el departamento de Cerro Largo, donde como departamento fronterizo es allí tremenda la lucha que debe hacerse en **defensa de la nacionalidad**. En Cerro Largo ocurre el caso extrañísimo de que cuatro leguas antes de llegar a la frontera, todo el mundo, absolutamente todos, hablan **ese dialecto rastacuero, mezcla de castellano y portugués** y de asombrarse es el caso de que cuatro leguas después, todo el mundo habla castellano. Lo que quiere decir, que **sólo la escuela primaria es la que puede defendernos de esta invasión que está haciendo el elemento brasileño en nuestro país**. Y cuando de tal modo se ha visto al maestro rural luchar para que asistan los niños a las clases, como yo he visto en Ferrer, pueblo del que acabo de llegar, se puede decir que el maestro ha ido conquistando a los niños, padre por padre, con un estoicismo que debe admirarse (ZAVALA MUNIZ, 1922, apud BEHARES, 2007, p. 109, grifos nossos).

Nos destaques em negrito, podemos observar o discurso de tentativa de apagamento do português falado nessa região. Transformando a língua falada em algo sem valor, uma mistura que nem podia ser considerada língua, uma interferência prejudicial ao ideal de nacionalidade. Percebemos o quão importante para os uruguaios era a defesa do seu idioma como uma forma de unificar o país. Essa unificação deveria acontecer começando pela escola primária. Para que desde pequenos, os habitantes se habituassem a utilizar o espanhol como língua de prestígio e representativa de sua nacionalidade.

Antes da lei de 1877, as pessoas que viviam no interior em geral não iam à escola, e nas zonas povoadas por portugueses e brasileiros, falava-se somente o português. Para que as crianças aprendessem o idioma espanhol, o ensino se tornou de caráter gratuito e obrigatório. Isto criou uma situação em que, em casa, elas falavam com seus pais e amigos em português e na escola eram obrigadas a falar em espanhol. Passou-se a falar as duas línguas em situações diversas, criando uma situação de diglossia² que não existia até o séc. XIX (COLL, 2009).

Behares (2007) mostra a evolução desse sistema de diglossia entre as duas línguas, dividindo-a em três momentos. O primeiro, que ele chama de diglossia clássica, é o resultado inicial do contato das duas línguas, a partir de meados de 1920. Nesse momento, o espanhol era a língua de prestígio, ensinada na escola e falada em contextos formais, tendo um caráter de classe média. E o português, uma língua sem prestígio, que nem era considerada língua, falada em casa pelas pessoas em geral e em situações informais.

Essa situação transparece nas entrevistas das nossas informantes acima de 70 anos. Embora haja uma diferença, o primeiro exemplo nos mostra que a informante não tinha problema em falar as duas línguas na escola, já no segundo, outra informante diz que na

² “La *diglosia* es una situación de bilingüismo social en la cual una lengua (o variedad de lengua) es usada para fines cotidianos, para la interacción informal en el hogar y entre amigos, y otra lengua es utilizada para fines formales, en las funciones ‘altas’ de la vida en sociedad, como ser en la administración pública, los medios de comunicación y la educación” (BRIAN; BROVETTO; GEYMONAT, 2007, p. 10).

escola sempre falavam em espanhol. Esses exemplos ilustram o momento de transição entre a aceitação da língua portuguesa falada pelas crianças e a proibição da mesma no âmbito escolar:

- (5) D: E a senhora na casa de vocês, vocês falavam português?
 I: Sim, falamos tudo brasileiro.
 D: E na escola, como é que a senhora fez? Porque a maestra falava em espanhol...
 I: Espanhol, é lógico.
 D: E aí ela ensinava em espanhol?
 I: Pero como eu não tinha problema de tanto falar em uruguaio como em brasileiro... Eu vou a Jaguarão ninguém diz que eu sou uruguaia. E nunca tive problema na escola por falar em português, viste? Me criei...
 D: Ah, não, elas não faziam problema com isso?
 I: Não, não, por problema não. Me criei com isso, viste, nas duas línguas.
 D: E na hora de escrever?
 I: Ah, tudo bem.
 D: Mas a senhora escrevia mais em português ou...
 I: **Não, nunca aprendi escrever em português, nunca** (F.)
- (6) D: E como que era com a língua de vocês? Vocês foram criados falando brasileiro?
 I: Brasileiro, mais, pero não, na escola falávamos...
 D: Falavam em espanhol?
 I: Falávamos bem em espanhol.
 D: E não tinha dificuldade com isso?
 I: Não, tinha não, não tinha dificuldade, não.
 D: Tá. E os maestros também, eles aceitavam que vocês falavam assim, por exemplo?
 I: Não, na escola...
 D: Ou eles diziam "ah, não, aqui tem que falar assim"?
 I: Não, não, na escola todos os companheiros falavam tudo em...
 D: Em espanhol.
 I: Em castilhano. (I.)

Esse fenômeno aconteceu até as décadas de 1970 e 1980, na época da ditadura militar, quando surge a diglossia autoritária, que, como o nome diz, proibia o uso do português, considerado como uma "patologia" causada principalmente pela invasão da televisão brasileira, assistida por muitos uruguaianos na região de fronteira. Isso não representa a realidade, pois, pelo que vimos até agora, o português já era falado no Uruguai muito antes de existir televisão. O contato com a língua portuguesa pode ter aumentado com o acesso aos canais brasileiros, mas não seria a causa de os uruguaianos falarem o idioma. O trecho abaixo ilustra essa segunda fase da diglossia:

- (7) D: Bom, a senhora teve assim no seu tempo de escola alguma experiência com essa questão da língua, né? Porque como... eu acho que todo mundo que mora aqui na fronteira chega na escola e passa por algumas situações né, porque tem as duas línguas né...
- I: Sim, não, mas **na época era só o uruguayo mesmo**. Era só o uruguayo. Não tinha isso de... **não tinha essa outra língua português** não tinha. (A.)

Essa fala da informante A. mostra bem como o português era proibido de ser falado nas escolas. Mesmo as crianças já falando em casa essa outra língua, no ambiente escolar era rechaçado o uso do português. Se as crianças escrevessem com interferência do português eram castigadas:

- (8) D: E a senhora lembra assim se as professoras comentavam com a senhora assim, diziam “não, não pode escrever desse jeito”, não sei...
- I: Claro, claro. Lógico! Porque eu escrevia, quando era guria de repente escrevia algo brasileiro e entreverado, mas não era assim, entonci daí tinha...
- D: Colocavam de castigo!
- I: Botavam olhando pra parede de castigo! Ou senão de arrodado no chão. (A.)

Na década de 1990, a diglossia nova dá um caráter de importância regional e folclórica ao português falado no Uruguai. Embora o uso do português continue restrito ao convívio doméstico e informal, muitas pessoas de classe média o reivindicam como busca de seu valor regional. Como forma de pertencer a um lugar.

- (9) D: Então eu queria perguntar: a senhora tava comentando comigo que fala português e espanhol né?
- I: Sim.
- D: No dia a dia a senhora fala as duas línguas?
- I: As duas língua falo. Sim, as duas língua.
- D: E quando que a senhora usa mais o português, por exemplo?
- I: Ai, quando eu vou a Jaguarão.
- D: Quando vai a Jaguarão, arram.
- I: Si, e agora que tô trabalhando na temporada eu uso muito o português porque é muito brasileiro, entonci aí eles se enredam porque querem me falar em uruguayo e eu digo não, pode falar em brasileiro que eu entendo também. Entonci eu uso muito. (A.)

A partir do exposto, podemos perceber que nessa região a ideia de fronteira como limite, seja territorial ou linguístico, é ilusória. Os dados apontam que mesmo com as

demarcações estipuladas, os portugueses e brasileiros seguiram ocupando o Uruguai, vivendo, criando seus filhos e transmitindo a cultura e a língua para as futuras gerações, apesar de todos os esforços realizados para uniformizar a língua e a cultura. O interior uruguaio era povoado por brasileiros, indígenas e imigrantes de diversos países europeus, o que fazia desse território um lugar com várias manifestações linguísticas e culturais que de certa forma deveriam ser apagadas para que o símbolo de nacionalidade uruguaia prevalecesse.

O governo tentou, com seu discurso de nacionalidade, constituir uma identidade homogênea, apagar assim todas as outras manifestações linguísticas e culturais da população que habitava essa região. O que aconteceu foi que, mesmo que nas escolas e nas instituições públicas a língua vigente fosse o espanhol, em casa, com amigos e familiares o português era muito falado entre os fronteiriços.

Diante de toda essa luta por afirmação da nacionalidade uruguaia, leis de gratuidade e obrigatoriedade de uso da língua espanhola, o esperado seria que o português tivesse sido extinto no território uruguaio. Mas o que vemos é que, em povoados do interior, especialmente em zonas rurais, ainda hoje o português, ou “brasileiro” como costumam chamar os falantes, é falado como língua de herança³.

A presença dessa variedade no território espanhol foi “esquecida” durante várias décadas, sendo “descoberta” por Rona (1965), que o denominou *fronterizo*. Na década de 80, Elizaincín, Behares e Barrios (1987) propuseram a substituição do termo por DPU (Dialectos Portugueses do Uruguai), por reconhecerem nela a predominância de características do português. Mais recentemente, Carvalho propõe que “o português uruguaio seja visto como um dialeto do português de características rurais que sofre influências do espanhol” (2003, p. 133).

Talvez o leitor ainda se pergunte se essa língua a que nos referimos pode mesmo ser chamada de português. Acreditamos que os exemplos apresentados até o momento forneçam evidência suficiente disso. No entanto, isso não significa que essa variedade seja idêntica ao português falado no Brasil.

1.2 Colocação de clíticos no Português Uruguaio

³ “*Lengua de herencia* supone incorporar como variable fundamental en el análisis la conexión personal e histórica que los hablantes tienen con esta variedad de lengua”. (BRIAN; BROVETTO; GEYMONAT, 2007, p. 10).

Ainda que, à primeira vista, o português uruguaio se pareça muito com o português brasileiro, uma observação atenta revela estruturas “curiosas”, especialmente em relação ao uso de clíticos, que são pronomes átonos que se ligam a outras palavras, geralmente um verbo. Ainda que haja colocação dos clíticos em próclise aos verbos conjugados, que para os brasileiros não é novidade, pois o nosso português também prefere essa colocação (10), nos dados analisados foram encontrados redobros de clíticos (11) e colocação de pronomes em ênclise com verbos no infinitivo (12):⁴

- (10) a) **Se** perdeu todo o respeito que havia (A.)
 b) ele foi quem **nos** conseguiu todo esse trabalho (F.)
 c) **nos** criemo tudo graças a deus (L.)
 d) **me** parece que o que ela me disse (I.)
- (11) a) imagine **te** tu (I.)
 b) **me** encanta a mí (F.)
 c) **me** lo regaló para mí (F.)
 d) **le** disseram pra ela (L.)
 e) **nos** favorece a nós (A.)
- (12) a) Chegava a noite e dizia minha mãe "a banharse e lavarse bem os pé, guri" (F.)
 b) podendo **dame** una paliza de vara, me dava. (F.)
 c) eu tenho que dizerte o nome. (F.)
 d) pa eu cuidar**le** o guri e cozinhar pra eles (F.)

Esses fenômenos nos causam estranheza, pois estamos falando de pessoas que falam o português como língua materna. Apesar de encontrarmos estruturas do português, sabemos que também são usadas no espanhol, como as colocações pronominais em próclise ao verbo conjugado. Mesmo a ênclise, embora não seja mais a colocação preferida no português brasileiro, ainda é aprendida na escola e acaba sendo empregada, especialmente em registros escritos mais formais (PETROLINI Jr., 2014).

Mas talvez o mais curioso tenha sido encontrar casos de subidas de clíticos nas locuções verbais:

- (13) a) **Me** tenho relacionado com gente que tá bem de bem (F.)
 b) nois brincavamo assim oh eu **te** vou dizê (L.)
 c) que **le** tinham dito (F.)

⁴ Tais estruturas já haviam sido identificadas por Muniz (2017), que analisou o mesmo corpus quanto à realização de sujeitos e objetos pronominais.

- d) pero todo mundo **me** vem saludá porque me conhece (F.)
- e) Agora quem **se** vai animá a entrá no mato? (L.)

Os dados nos exemplos (13) não são encontrados no português brasileiro. No entanto, são formas correntes no espanhol (PETROLINI Jr., 2014). São obrigatórias as subidas de clítico com verbos no particípio (a, c), mas com verbos no infinitivo, tanto podem se ligar ao verbo auxiliar como ao verbo no infinitivo (b, d, e).

Um levantamento feito em outros trabalhos que descrevem o português uruguaio leva a crer que a subida de clíticos é produtiva nessa variedade, pois foram encontradas ocorrências também nos dados de Elizaincín, Behares e Barrios (1987), elencadas em (14), e de Bottaro (2009), elencadas em (15):⁵

- (14) a) Agora **se** tá povoando (p. 77, 127 RB)
- b) Aqueles coso **se** vinham clavá neli (p. 79, 40T)
- c) Cómo **le** voi disé? (p. 87, 131RB)

- (15) a) **te** vamo a jubilar (C3, l. 27)
- b) esperen uns dias y **me** conseguiron nasé ali (C3, l. 62)
- c) como **te** vo disé (B2, l. 67)
- d) Doc: **me** tava contando hoje da sua vinda (C12, l. 1)
- e) en primero lugar, como **le** tinha le dito (A13, l. 77)

Sabendo que a maioria dos imigrantes que colonizaram a região de fronteira entre o sul do Brasil e Uruguai foram espanhóis e portugueses, veremos no capítulo a seguir o estatuto da subida de clíticos em português europeu, português brasileiro e em espanhol para que consigamos fazer uma comparação e com isso ampliar o nosso conhecimento sobre as estruturas encontradas na gramática do português uruguaio.

⁵ Os dados de Elizaincín, Behares e Barrios (1987) compreendem um corpus coletado ao longo da fronteira Brasil-Uruguay. Já os dados de Bottaro (2009) são de informantes riverenses. Cabe observar que nenhum dos autores analisa diretamente o fenômeno.

2 ESTATUTO DA SUBIDA DE CLÍTICOS NO PORTUGUÊS URUGUAIO

A subida de clítico é caracterizada pelo fato do pronome vir junto a um verbo que não o seleciona (ANDRADE, 2017, p. 87). Essa construção era corrente no português clássico⁶ e ocorre também no português europeu e em outras línguas românicas, como o espanhol, mas se perdeu no português brasileiro.⁷ Por isso, nos surpreende encontrá-las no português uruguaio.

Conforme Petrolini Junior (2014, p. 68), o falante brasileiro prefere a colocação do pronome átono em próclise ao verbo que lhe atribui papel temático. Isto é observado tanto nas sequências verbais perifrásticas como nas subordinadas de infinitivo ou gerúndio:

- (16) a) João não vai **me** contar esse segredo. (perífrase)
 b) Ela sempre está **te** olhando do mesmo jeito. (perífrase)
 c) Essas pessoas nunca tinham **se** encontrado. (perífrase)
 d) Decidi **lhe** telefonar. (oração subordinada)
 e) Dirija **me** escutando. (oração subordinada)

Segundo Andrade (2017), a perda da subida de clíticos ocorreu no português brasileiro durante o processo de aquisição da língua portuguesa pelos indivíduos descendentes da mistura de imigrantes de várias nacionalidades com indígenas e africanos ao longo dos séculos após a colonização. Nas classes mais altas, a língua culta manteve por mais tempo a subida de clíticos por ser uma classe mais escolarizada, onde o português europeu era mais difundido. Nas classes mais baixas, pela população ser composta por mestiços de índios, africanos e europeus não escolarizados, a língua seguiu outro caminho.

No português uruguaio, seria de esperar que acontecesse o mesmo, pois para esse território também imigraram pessoas de muitos lugares da Europa e África e houve o contato com outras línguas. Mas os dados mostram que no Uruguai o português seguiu outro rumo. Neste capítulo, procuraremos identificar o porquê dessa diferença entre português brasileiro e português uruguaio, partindo de algumas hipóteses. A primeira, de que a subida de clíticos no português uruguaio possa ter se mantido porque essa língua, devido à situação de diglossia exposta no capítulo 1, ficou restrita a comunidades rurais, sem muito contato com falantes de

⁶ Período compreendido entre o sec. XVI e sec. XVIII (REIS, 2011, p. 13).

⁷ No português brasileiro, a subida de clíticos é obrigatória com orações infinitivas subordinadas a verbos causativos e perceptivos cujo sujeito semântico é um pronome átono (RAPOSO, 2013, p. 2289):

- (i) Ele **me** mandou sair.
- (ii) O diretor **te** deixou esperando do lado de fora.
- (iii) O cachorro **nos** fez correr por dois quarteirões.
- (iv) A Maria **me** viu chegar.

outras línguas; nesse caso, a subida de clíticos no português uruguaio deve ter características semelhantes ao português europeu. A segunda, de que o contato com o espanhol e sua imposição enquanto língua oficial pressionou o português do Uruguai a incorporar características da sintaxe espanhola. E a terceira, de que o português uruguaio, por sua conformação histórica, teve uma evolução distinta do português brasileiro. Para isso, apresentaremos as características da colocação pronominal no português brasileiro, no português europeu e no espanhol, comparando aos dados encontrados no corpus.

2.1 Colocação pronominal com formas verbais simples

Nos dados encontrados em Poblado Uruguay, como vimos no capítulo 1, os clíticos sempre precedem os verbos simples conjugados, uma característica do espanhol e do português brasileiro. Os clíticos precedem também o gerúndio, colocação usual no português brasileiro, mas impossível no espanhol. Com o imperativo a colocação é sempre enclítica, característica própria do espanhol, já que no português a próclise é a preferida. E variável quando é com o verbo no infinitivo. Ocorrências que podemos observar nos exemplos a seguir:

- (17) a) **Me** ensinaram a respeitar as pessoas.
 b) tudo mundo **me** abrazando, **me** beijando.
 c) Imaginate tu
 d) Não sei nem **te** explicá.
 e) Eu tenho que dizerte o nome.

No português brasileiro, embora a tradição gramatical ainda tente impor a ênclise como colocação básica, a próclise é quase absoluta na fala (92% na fala culta⁸). A imposição da ênclise como colocação básica toma como modelo o português europeu, em que predomina essa colocação, exceto na presença de atratores (conjunção integrante, pronome relativo, advérbio de negação/tempo/focalização ou sujeito quantificado).

Petrolini Jr. (2014, p. 52) nos mostra que a colocação em espanhol se comporta de maneira bem previsível com as formas verbais simples: como mostram os exemplos,⁹ os

⁸ Conforme análise dos dados do NURC apresentada por Cyrino, Nunes e Pagotto (2015).

⁹ Os exemplos de (a) a (g) foram tirados de trechos em espanhol das entrevistas do corpus; o exemplo (h) é de Petrolini Jr. (2014, p. 53).

clíticos são colocados encliticamente em relação aos verbos nas formas nominais infinitivas (e, f), nos gerúndios (g) e no imperativo afirmativo (d); nas demais formas, são proclíticos (a, b, c).

- (18) a) **Me** emociono oírla hablar
 b) Eso que **me** olvidé de cuando vivía en Las Cañas.....y vivimo allá... y despué un tio de nosotros **nos** trajo en un carro eso yo era chica pero me acuerdo
 c) Pero se nota, viste? Lo que yo **te** decía.
 d) No no no, quedá**te** ahí sentada no mas
 e) a maestra se levantaba da cama y nos metia a mi e a una herman minha pa cama pa abrigan**os**.
 f) hay que salir y divertirse
 g) a mi no me gusta pon**me** maya
 h) Admirá**ndo** tanto no consigues nada.

Isso acontece em espanhol, independente da modalidade do registro, da escolaridade do falante, de haver uma palavra que sirva de atrator ou de ser em começo de período: a colocação de clíticos com formas verbais simples em espanhol depende exclusivamente do verbo, e não de condições estruturais.

A gramática do português uruguaio, no que diz respeito a forma simples, embora possua características tanto do espanhol como do português, também possui outras que diferem delas.

2.2 Colocação pronominal com sequências verbais

Como vimos no começo do capítulo, no espanhol, a colocação pronominal é em próclise com verbos conjugados e em ênclise com verbos no gerúndio, infinitivo e imperativo afirmativo. Nos grupos verbais eles seguem esse padrão, podendo ser colocados antes dos verbos conjugados ou após as formas nominais. Quando a perífrase for com participio, o pronome só pode se ligar ao verbo auxiliar.

A seguir alguns exemplos retirados das conversas em espanhol com os informantes:

- (19) a) Yo pa mi gente **les** voy a dejá un surtidito ahí cuando muera.
 b) porque las familia **se** empezaron a esparramá.
 c) Y después **se** fue esparramando
 d) una hermana de mamá fue a traerno

Nos exemplos (a, b, c) podemos observar a colocação em próclise ao verbo conjugado, (subida de clíticos); já no exemplo (d) observamos a colocação enclítica ao verbo no infinitivo. Na língua espanhola esse tipo de ocorrência é normal, não segue um padrão, sendo de escolha do falante se coloca o clítico antes do verbo conjugado ou após o infinitivo ou gerúndio.

O exemplo (19a) é do português uruguaio, mas possui características do espanhol. Se este enunciado fosse proferido em português brasileiro, ficaria com o clítico em próclise ao particípio, como no exemplo (b), ou com preposição e o pronome reto no lugar do objeto, como no exemplo (c):

- (20) a) que **le** tinham dito que eu tinha [/] criava todo meus irmão.
 b) Que tinham **lhe** dito que eu...
 c) Que tinham dito **pra ele** que eu...

Conforme Petrolini Jr. (2014), no espanhol a perífrase corresponde a um bloco único, sendo assim os pronomes podem vir antes ou depois desse bloco segundo as regras gerais: antes dos verbos conjugados ou após as formas nominais, exceto o particípio que não pode trazer um clítico associado, tendo o clítico que se ligar ao auxiliar:¹⁰

- (21) a) Estás miránd**olo**. / **Lo** estás mirando.
 b) No voy a tener que rendir**me** ahora. / No **me** voy a tener que rendir ahora.
 c) **Te lo** he dicho.

Em sequências não perifrásticas o clítico acompanha o verbo que o seleciona:

- (22) a) Estudiaba escuchando aquella canción.
 b) Estudiaba escuchánd**ola**.
 c) ***La** estudiaba escuchando.

No espanhol contemporâneo há casos em que pode ocorrer subida de clíticos em sequências verbais que não constituem perífrase (RAE, 2009, p. 1238-9). Isso acontece com os chamados verbos de reestruturação, ou seja, com orações subordinadas:

- (23) a) Nadie quería contarm**e** nada.
 b) Nadie **me** quería contar nada.

¹⁰ Os exemplos (20) a (22) foram retirados de Petrolini Jr. (2014, p 56-58).

Também em português europeu, a subida de clíticos pode acontecer em dois tipos de construção: com orações completivas infinitivas e com perífrases verbais. Conforme Raposo (2013, p. 1243), as subidas de clíticos em sequências não perifrásticas ocorrem com verbos de reestruturação, como *querer, conseguir, desejar, pretender, tencionar e tentar*, que selecionam um complemento no infinitivo. Nesses casos, assim como em espanhol, um período bioracional é transformado em uma oração simples, e o clítico que seria complemento do verbo no infinitivo passa a se ligar ao verbo reestruturante da primeira oração:¹¹

- (24) a) [or Quero [or ver-**te** amanhã]].
 b) [or Quero-**te** ver amanhã].
- (25) a) A Maria conseguiu entregar-**lhe** o livro a tempo.
 b) A Maria conseguiu-**lhe** entregar o livro a tempo.

A subida de clíticos é opcional quando o verbo está no infinitivo, mas obrigatória quando o verbo está no gerúndio ou particípio. Em português europeu esses verbos não admitem uma associação de clíticos, como ilustram os exemplos em (25).

- (26) a) Queres dar-**me** o livro ou não?
 b) Queres-**me** dar o livro ou não?
 c) Ia-**lhes** oferecendo alpiste até ganharem confiança.
 d) *Ia oferecendo-**lhes** alpiste até ganharem confiança.
 e) Tinha-**lhes** dado alpiste durante um mês quando se atreveram a aproximar-se.
 f) *Tinha dado-**lhes** alpiste durante um mês quando se atreveram a aproximar-se.

No português europeu a colocação de clíticos em perífrases se comporta como nos verbos de reestruturação que vimos anteriormente, ou seja: é opcional com infinitivos e obrigatória com gerúndios e particípios, e o clítico subido fica enclítico ao verbo principal, a menos que haja um atrator. A seguir vemos alguns exemplos de subidas de clíticos, dessa vez com perífrases, mostrando como é o comportamento em português europeu e também como esses fenômenos se comportariam em espanhol.

- (27) a) Vou telefonar-**lhe** já. (PE)

¹¹ Os exemplos (23) a (25) foram retirados de Raposo (2013, p. 1967, 1243, 2234).

- b) Vou-**lhe** telefonar já. (PE)
- c) Voy a llamar**le** ya. (E)
- d) **Le** voy a llamar ya. (E)

Já no português brasileiro, a subida de clítico não acontece nem com verbos de reestruturação, nem com perífrases. O pronome clítico se liga em próclise ao verbo que o seleciona:

- (28) a) Quer(es) **me** dar o livro ou não?
 b) Já vou **lhe** telefonar.

Como vimos até aqui, a subida de clíticos, nas línguas em que é possível, pode ocorrer em perífrases e também com verbos de reestruturação. A diferença entre português europeu e espanhol está na posição em que o clítico se liga ao verbo “de cima” quando há subida: no português europeu é enclítica e no espanhol é proclítica. Tanto na reestruturação como nas perífrases, no português europeu o clítico só fica em próclise ao verbo mais à esquerda se tiver um atrator:¹²

- (29) a) A Maria não **te** quer ver nunca mais.
 b) A Maria é completamente distraída: Estávamos mesmo à frente dela e não **nos** conseguiu encontrar.

Nos dados do português uruguaio que analisamos, todas as subidas de clíticos ocorreram com locuções verbais. Houve apenas uma ocorrência com verbo de reestruturação e clítico; Neste caso não houve subida.

- (30) querem **me** falar em uruguaio. (A)

Os clíticos, em perífrases verbais encontrados, estavam em próclise ao verbo conjugado, dois exemplos com o segundo verbo no particípio (30b, 30c) e as outras com o segundo verbo no infinitivo. Não houve nenhuma ocorrência com o segundo verbo no gerúndio:

- (31) a) todo mundo **me** vem saludá (F)

¹² Os exemplos (29) foram retirados de Raposo (2013, p. 1968).

- b) porque **me** tenho relacionado (F)
- c) que **le** tinham dito que eu criava todo meus irmão (F)
- d) pedimo aí na Junta si **le** mandavam acomodá (I)
- e) eu **te** vô dizê (L)
- f) agora quem **se** vai animá a entrá no mato (L)

Nos exemplos retirados de Elizaincín, Behares e Barrios (1987) e Bottaro (2009), podemos observar que seguem o mesmo padrão dos dados encontrados no Poblado Uruguay. Isso mostra que os falantes de português uruguaio realizam subida de clíticos independente dos lugares onde residem e que este fenômeno é uma característica da língua.

- (32) a) Agora **se** tá povoando (p. 77, 127 RB)
- b) Aqueles coso **se** vinham clavá neli (p. 79, 40T)
- c) Cómo **le** voi disé? (p. 87, 131RB)

- (33) a) **te** vamo a jubilar (C3, l. 27)
- b) esperen uns dias y **me** conseguiron nasé ali (C3, l. 62)
- c) como **te** vo disé (B2, l. 67)
- d) Doc: **me** tava contando hoje da sua vinda (C12, l. 1)
- e) en primero lugar, como **le** tinha le dito (A13, l. 77)

Chama atenção o dado 32 (b) que envolve um verbo de reestruturação, no entanto trata-se de uma construção bastante marginal, pois o clítico *me* não é selecionado pelo verbo *nacer*. Portanto esses exemplos mostram que a sintaxe do português uruguaio, no que diz respeito aos clíticos, tem uma gramática própria, diferente tanto do português brasileiro como do espanhol e do português europeu. Esses resultados vão na mesma direção de outros estudos recentes sobre o português uruguaio como o de Bottaro (2009) e de Muniz (2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, vimos que o português falado no Poblado Uruguay é diferente do português falado no Brasil. Para isso, analisamos as amostras coletadas dos falantes desse local, comparando com o português europeu, o espanhol e o português brasileiro, já que essa região entre o sul do Brasil e Uruguai foi colonizada por espanhóis e portugueses.

Foi analisada a colocação dos clíticos junto a verbos simples e a grupos verbais, para ver como se caracteriza a subida de clíticos. No português europeu a colocação é enclítica ao verbo auxiliar com particípio e gerúndio e variável com verbo no infinitivo. No espanhol, a colocação é em próclise ao verbo auxiliar com o particípio e variável com verbos no infinitivo e gerúndio. No português brasileiro a colocação é sempre em próclise ao verbo que o seleciona com exceção dos verbos perceptivos e causativos, quando ainda acontece a subida de clíticos. No português uruguaio a colocação dos clíticos é sempre em próclise ao verbo auxiliar, a subida de clíticos ocorre na totalidade das vezes encontradas mostrando que o português uruguaio possui características próprias que o diferem das outras línguas com que foi comparado.

Podemos sintetizar nossos achados da seguinte forma:

-Colocação com formas verbais simples:

- a) Os clíticos antecedem verbos conjugados como acontece no português brasileiro e no espanhol;
- b) Os clíticos também antecedem o gerúndio como no português brasileiro e ao contrário do espanhol;
- c) No imperativo, o clítico vem sempre em ênclise ao verbo como no espanhol, mas não em português brasileiro;
- d) No infinitivo ocorre uma variação. Os clíticos podem vir antes do verbo como em português ou depois do verbo como no espanhol;

- Colocação com perífrases verbais:

- a) Os clíticos antecedem as sequências verbais tanto com verbos no infinitivo como no particípio, uma característica do espanhol;
- b) Também foram encontradas subidas de clíticos com verbos causativos, como acontece no português brasileiro e no espanhol;
- c) Com verbos de reestruturação não há subida de clíticos

Após essa análise, constatamos que, no português uruguaio, os falantes realizam subidas de clíticos na totalidade das perífrases verbais. Essa e as demais características encontradas mostram que é uma gramática diferente do português brasileiro.

No começo do trabalho elencamos três hipóteses para os falantes de português uruguaio realizarem subidas de clíticos: pelo fato dos falantes ficarem restritos a comunidades rurais; pela pressão imposta pela língua oficial, o espanhol; por sua conformação histórica que fez com que o português uruguaio tivesse uma evolução distinta do brasileiro.

Acreditamos que essa característica se manteve por sua conformação histórica que comporta todas as outras hipóteses juntas, pois sim, o português uruguaio ficou limitado a comunidades rurais; sim, sofreu pressão da imposição do espanhol como língua oficial e sim, evoluiu de forma diferente do português brasileiro. Não podemos dizer que se aproxima mais de uma ou de outra gramática, e sim que, possui características próprias que o distanciam tanto do espanhol quanto do português brasileiro.

Espera-se que sejam realizados trabalhos futuros nessa área para registrar a gramática dessa língua na fronteira, pois é importante resgatar a história da colonização desse espaço e o que ficou como herança para futuras gerações.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. L. A subida de clíticos do português clássico ao português brasileiro: um fenômeno de topicalidade. In PRATTI, E; SALLES, H; NAVES, R. (org.) *Novos olhares para a gramática do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2017. p. 87-105.
- BEHARES, L. Potugués del Uruguay y educación fronteriza. In: BROVETTO, C.; GEYMONAT, J.; BRIAN, N. (Orgs.). *Portugués del Uruguay y educación bilingüe*. Montevideo: Anep, 2007. p. 99-171.
- BRIAN, N.; BROVETTO, C.; GEYMONAT, J. Una experiencia de educación bilingüe español-portugués en escuela de la zona fronteriza. In_____. (Orgs.). *Portugués del Uruguay y educación bilingüe*. Montevideo: Anep, 2007. p. 05-45.
- BOTTARO, S. *O sujeito pronominal no português uruguaio da região fronteira Brasil-Uruguaí*. 2009. 217f. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de Línguas Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- CARVALHO, A. M. Rumo a uma definição do português uruguaio. *RILL*, v. 1, n. 2, p. 125-149, 2003.
- COLL, M. Bilinguismo sem diglossia: o português e o espanhol no norte do Uruguai no século XIX. In: CARVALHO, A. M. (Org.). *Português em contato*. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, 2009. p. 237-256.
- CYRINO, S.; NUNES, J.; PAGOTTO, E. Complementação. In: KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. (Orgs.). *A construção da sentença*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 37-80.
- ELIZAINCÍN, A.; BEHARES, L; BARRIOS, G. *Nos falemo brasileiro: Dialectos portugueses en Uruguay*. Montevideo: Amesur, 1987.
- FANJUL, A. P. Conhecendo assimetrias: a ocorrência de pronomes pessoais. In: FANJUL, A. P.; GONZÁLES, N. M. (Orgs.). *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola, 2014. p. 29-50.
- MISSÕES Jesuíticas. Disponível em: <<http://qhistoriaessa.blogspot.com/2013/07/missoes-jesuíticas.html>>. Acesso em: 05 out. 2018.
- MUNIZ, S. “*Nas casa sempre em brasileiro*”: o preenchimento de sujeitos e objetos no PU de Poblado Uruguay. 2017. 77f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e suas respectivas Literaturas). Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2017.

PETROLINI Jr., C. D. Colocação de pronomes clíticos. In: FANJUL, A. P.; GONZÁLES, N. M. (Orgs.). *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola, 2014. p. 51-71.

RAE. *Nueva gramática de la lengua española: Morfología; Sintaxis I*. Madrid: Espasa, 2009.

RAPOSO, E. P. *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. 2v.

REIS, F. E. de B. *A perda da subida de clíticos no português brasileiro: séculos XIX e XX*. 2011. 164f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

RONA, J. P. *El dialecto "fronterizo" del norte del Uruguay*. Montevideo: Universidad de la República, 1965.